

Entrevista de Maria Helena Souza Patto cedida a Lygia de Sousa Viégas *A atuação de profissionais da psicologia no atendimento à queixa escolar*

Maria Helena Souza Patto

Universidade de São Paulo, USP, Brasil

Lygia de Sousa Viégas

Universidade Federal da Bahia, UFBA,
Brasil

E-mail: lyosviegas@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-2353-0384>

Em 1997, quando ainda era estudante de graduação no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, diante da exigência de realizar o psicodiagnóstico tradicional de uma criança encaminhada pela escola, para cumprimento de um estágio obrigatório na área de Psicologia Clínica, empreendi esforços para não cumprir a tarefa naquele formato, partilhando as críticas que vinham sendo desenvolvidas no próprio IPUSP sobre tal modelo de atendimento. Para alimentar o debate, propus um trabalho sobre a atuação de profissionais da psicologia frente às queixas escolares, para o qual foram entrevistadas psicólogas de referência. Uma delas foi Maria Helena Souza Patto, professora aposentada pelo IPUSP, considerada divisora de águas no campo da psicologia escolar e educacional brasileira. Passados mais de 20 anos desde tal entrevista, seu conteúdo continua atual, sobretudo considerando o contexto nacional de aprovação da Lei 13.935/2019, que dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e assistência social na rede básica de ensino público. Em nossa breve entrevista, sem romantismos ou ingenuidades, abordamos o conceito de queixa escolar, formas de atuação da psicologia diante de tais queixas, o embasamento teórico que as fundamenta e os riscos medicalizantes que as atravessam. Como parte das atividades de um estágio Pós-Doutoral que objetiva analisar a obra de Maria Helena Souza Patto, ao longo de 2021, nos encontramos sistematicamente para conversarmos sobre sua trajetória e produção intelectual, quando retomamos a antiga entrevista. Ainda que muito tenha sido produzido na área desde então, suas reflexões, tecidas em plena virada do milênio, merecem nossa atenção. Entrevista com Maria Helena Souza Patto que foi docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, USP, Brasil, de 1966 a 2011, quando se aposentou. Sua obra completa encontra-se disponível no Ambiente Virtual Maria Helena Souza Patto (www.mariahelenasouzapatto.site). Dossiê “Medicalização da educação ontem e hoje: entre continuidade e rupturas”, organizado por Diana Carvalho de Carvalho (UFSC), Lygia de Sousa Viégas (UFBA) e Simone Vieira de Souza (UFSC).

Palavras-chave: Queixa escolar. Entrevista. Maria Helena Souza Patto.



<http://www.perspectiva.ufsc.br>

 <http://doi.org/10.5007/2175-795X.2025.e93530>

Conversas em Perspectiva

Introdução

Desde a década de 1980, a Psicologia Escolar e Educacional brasileira passou por inflexões teórico-metodológicas significativas, tendo nas provocações de Maria Helena Souza Patto um importante divisor de águas. Formada em Psicologia pela USP em 1965, ela cursou Mestrado e Doutorado nessa mesma instituição, onde lecionou durante toda sua trajetória profissional, até aposentar-se em 2011.

A relevância de sua produção intelectual se sustenta não apenas porque ela descontina a complexidade envolvida na construção do processo de escolarização em uma sociedade estruturalmente desigual, mas também porque ela aponta o papel determinante da Psicologia na consolidação de olhares individualizantes para o fenômeno. De forma inaugural, Patto debate a medicalização da educação desde a década de 1980, dando forte acento às críticas à psicologização, em acordo ao lugar de onde analisa o tema em tela.

Um marco nessa trajetória é sua tese de doutorado, *Psicologia e Ideologia: uma introdução crítica à Psicologia escolar*, defendida em 1981, sob a orientação de Ecléa Bosi. Publicada em forma de livro originalmente em 1984, recentemente o material foi relançado em formato ebook (Patto, 2022a). Organizada em cinco densos capítulos, a tese consolida a virada teórica da autora (outrora aderida às teorias ambientalistas estadunidenses) em direção ao materialismo histórico-dialético.

Nela, a autora põe a Psicologia escolar e educacional na berlinda, analisando suas teorias a partir daquilo que elas dizem, do que elas não dizem e de aspectos nos quais elas se contradizem. Com o olhar aguçado pela crítica da ideologia, feita em chave marxista (Chauí, 1980), e fortemente acentuado pelas teorias crítico-reprodutivistas que aportavam no Brasil naquele contexto (Althusser, 1974; Bourdieu, 1974), Patto inicia o exercício de pensar a psicologia e a educação à luz dos determinantes históricos, econômicos, políticos e sociais.

Para além do criterioso estudo histórico e teórico, a pesquisa de doutorado também envolveu a aplicação de questionário a 20 psicólogas que atuavam na rede municipal de educação em São Paulo no final dos anos 1970, buscando compreender suas concepções e práticas no atendimento das demandas escolares. No livro, ao lado das duras críticas à Teoria da Carência Cultural, predominante no discurso e na prática das profissionais participantes na pesquisa, há o ensaio de construção de outras formas de compreender os “oprimidos”, com vistas a impulsionar sua consciência de classe, alimentando o desejo de transformação social radical. Como autores que ajudam a fundamentar essa proposição, figuram os psiquiatras Franco Basaglia (1973; 1979) e Frantz Fanon (1968), situados na chamada antipsiquiatria, e os

sociólogos brasileiros Luiz Pereira (1971), Maria Célia Paoli (1974) e José de Souza Martins (1978), ao lado de quem ela pensa o Brasil e nossa desigualdade social estrutural.

Afeita ao exercício da autocrítica, Maria Helena Patto afirma a incompletude de sua tese de Doutorado desde o *Prefácio*. Definindo o livro como depoimento do início de uma trajetória difícil, ela entende que seu resultado ficou “a meio caminho” e anuncia que pretende “levar adiante” o que ela chama de “tarefa aqui esboçada” (Patto, 2022a, p. 16).

De fato, a força de suas ideias ressoou na psicologia escolar e educacional brasileira, criando fissuras importantes. Suas críticas são ao mesmo tempo ruptura e base sobre a qual a área passou a criar perspectivas. Cortada por uma ruptura teórico-metodológica radical, sua obra criou movimentos inovadores na área como um todo. Alargando a compreensão de José Sérgio Fonseca de Carvalho, para quem seu livro *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia* (Patto, 2022b) consolida-se como “clássico”, dada sua “triste, lúcida e desafiante atualidade” (Carvalho, 2011, p. 575), é possível considerar que a própria Maria Helena Souza Patto é uma autora clássica na área, cuja obra como um todo merece ser estudada nos cursos de formação de psicólogas(os) e professoras(es) no Brasil pelos mesmos motivos elencados por Carvalho para que leiamos o clássico livro.

Considerando a relevância de sua produção para a psicologia e a educação brasileiras, desde 2021 está sendo realizado um estágio Pós-Doutoral que objetiva organizar e analisar esse conjunto. Uma das etapas da pesquisa envolveu reunir sua obra no *Ambiente Virtual Maria Helena Souza Patto*, no qual é possível encontrar uma breve biografia intelectual, além de acessar gratuitamente a versão ebook de cinco livros de sua autoria, bem como todos os capítulos de livros, artigos em periódicos e vídeos. Há, ainda, uma aba para publicações de outras autorias voltadas para analisar seus escritos (Cf. www.mariahelenasouzapatto.site).

A pesquisa de Pós-Doutorado também envolveu a realização de encontros sistemáticos com a autora, ao longo de todo o ano de 2021, nos quais foi possível conversar sobre sua biografia e produção intelectual. Em um desses encontros, retomamos uma entrevista concedida a mim em 1997¹. Seu conteúdo é nutriente para um debate cuja pertinência persiste.

Na época, eu ainda me encontrava na condição de estudante de graduação do Instituto de Psicologia da USP, e me vi diante da demanda de realizar, em formato tradicional, o psicodiagnóstico de uma criança encaminhada pela escola, tarefa vista como básica para o cumprimento de um estágio

¹ A possibilidade de retomar tal entrevista, com vistas à publicação, foi ativada por Irineu Aliprando Tuim Viotto Filho, que também tinha uma entrevista antiga e atual com a Professora Maria Helena Souza Patto, datada de 2000, a qual, depois de revista e autorizada pela autora, foi aprovada para publicação na Revista da ABRAPEE.

obrigatório vinculado à disciplina que carregava um nome sugestivo: *Métodos de Exploração e Diagnóstico em Psicologia Clínica*.

Situada no penúltimo ano de graduação, já tinha cursado as disciplinas e estágios básicos e optativos no campo da Psicologia Escolar e Educacional, por meio dos quais fui me apropriando do debate crítico e das tentativas de construção de novos rumos na área, que fervilhavam nas salas de aula, serviços de atendimento e corredores do Instituto de Psicologia da USP – basta lembrar que nesse mesmo ano foi publicada a primeira edição do livro organizado por Adriana Marcondes Machado e Marilene Proença Rebello de Souza, e prefaciado por Maria Helena Patto, cujo título é revelador do momento histórico em que ele foi lançado: *Psicologia Escolar: em busca de novos rumos* (Machado & Souza, 1997).

Acompanhando de perto o exercício disruptivo de abertura de caminhos no atendimento das queixas escolares, mobilizei esforços para não realizar o psicodiagnóstico clássico de nenhuma criança encaminhada pela escola, apelando para argumentos éticos. Como parte desse esforço, produzi um trabalho que buscou colocar em destaque as críticas em relação ao modelo clínico tradicional diante de tais demandas. Foi nesse contexto que, já leitora de seus escritos e tendo assistido algumas de suas mobilizadoras palestras, bati na porta da sala de trabalho da Professora Maria Helena Souza Patto pela primeira vez. De forma generosa, ela acolheu minhas inquietações estudantis e concedeu uma breve entrevista sobre a atuação de profissionais da psicologia frente à queixa escolar, para compor meu trabalho acadêmico.

Com poucas perguntas, conversamos sobre o conceito de queixa escolar, formas de atuação da psicologia diante das queixas escolares e o embasamento teórico que fundamenta tais formas de atuação. Passados mais de 20 anos desde então, chama a atenção a atualidade de suas reflexões. Maria Helena Patto fala, sem romantismos ou ingenuidades, sobre os riscos medicalizantes que assombram a prática escolar e educacional de profissionais da psicologia, sendo rigorosa do ponto de vista teórico e explicitando que psicologia sustenta sua visão de mundo. Em 2021, trabalhamos conjuntamente no conteúdo da entrevista, apresentada a seguir.

A entrevista

O que você entende por queixa escolar?

Maria Helena Souza Patto: Eu entendo queixa escolar como aquela queixa que é formulada no bojo das escolas. Geralmente, aparece na forma de uma reclamação de educadores – queixa tem este sentido de reclamação – quanto à maneira como alguns estudantes aprendem e se comportam na escola. A queixa escolar costuma expressar um desagrado da escola em relação ao fato de a criança ou adolescente não se comportar e/ou não aprender da maneira esperada.

Com isto, eu quero frisar que a queixa escolar tem na sua base uma visão normativa, uma concepção de como os alunos deveriam ser, como deveria transcorrer o processo de ensino e aprendizagem, ao qual os alunos devem se ajustar. Quando um estudante não atende às expectativas, quando ele rompe este padrão ideal, esta norma, ele tende a ser visto como um aluno problemático, uma criança-problema, como está registrado na literatura. Como esses padrões são produzidos e legitimados pela Psicologia, desencadeia-se o encaminhamento para atendimento psicológico, o que você está chamando de queixa escolar.

Então, é importante não perder de vista que a queixa é produzida na escola, com a presença determinante da psicologia. Eu não vejo a queixa escolar como necessariamente sinal de problemas, dificuldades pessoais ou alguma patologia do aluno. Para mim, se trata de uma criança ou adolescente que não corresponde às expectativas. E isso também vale para casos de alunos com histórias difíceis. Em todas as classes sociais, há crianças e adolescentes que vão para escola tendo vivido momentos difíceis, que estão sofrendo. A questão que precisamos pensar é que papéis a escola, enquanto instituição, ocupa em histórias como essas. Porque ela pode desde intensificar este sofrimento até contribuir para minorá-lo.

Geralmente, diante destas situações, a escola encaminha a chamada “queixa escolar” para profissionais de Psicologia, até porque a psicologia reforça essa prática. O que você pensa sobre isso?

Maria Helena Souza Patto: Dentro do padrão tradicional de atendimento da queixa escolar, existe uma psicologização, uma medicalização do fracasso escolar. Você tira toda a responsabilidade da instituição escolar na produção da queixa e transforma em uma questão biológica, psicológica, do aluno encaminhado. Então, tradicionalmente, a escola fica de fora do atendimento de uma queixa que é escolar. Ela gera a queixa e entrega para um especialista, um psicólogo. E ao final, o psicólogo devolve para a escola um relatório do qual as professoras também se queixam, porque não as ajuda a pensar em como agir com aquela criança.

Por isso é importante buscar outras formas de trabalho, em que a escola esteja implicada, seja participante ativa do processo de compreensão do aluno e da queixa escolar, de tal forma que ela possa se perceber enquanto instituição social que fabrica este problema e, portanto, pode deixar de produzi-lo. Evidentemente, isto só é possível quando o psicólogo sai do modelo clínico tradicional e toma por base outro entendimento, que problematiza a queixa escolar.

E o que orienta esse outro entendimento?

Maria Helena Souza Patto: Despsicologizar, desbiologizar, desmedicalizar. Ou seja, entender o aprendizado e o comportamento de uma criança ou adolescente dentro da escola enquanto uma produção institucional, algo do qual a instituição participou, através de seus vários membros e mecanismos. Isso requer conhecer sua história escolar, conversar com professores presentes e passados, e pensar coletivamente as questões suscitadas a partir do caso, implicando a escola em todo o processo.

As chamadas dificuldades de aprendizagem e de ajustamento escolar, os problemas de indisciplina, são produzidos na escola, mesmo que a criança ou adolescente venham com “problemas” anteriores a ela. Ou seja, importa saber como a escola lida com estes problemas que o aluno traz, e não o fato dele simplesmente já ter vindo com problemas, como se a escola não tivesse nada a ver com isso. Como eu já disse em outros momentos, mais importante do que o alcoolismo de um pai na determinação do fracasso escolar é a maneira como a escola se relaciona com o alcoolismo do pai. Isso significa que, entre o alcoolismo do pai e o problema de aprendizagem da criança, existe a mediação do significado atribuído ao alcoolismo do pai no interior da escola. A escola nunca está fora, ela nunca está isenta, mesmo quando a criança tem algum problema familiar sério, anterior, externo à escola, como nesse exemplo que estou dando. É preciso atenção para as maneiras como a escola lida com essas situações, para ela não ser mais um impedimento na vida da criança. Porque toda criança tem direito à escola, por mais difícil que seja sua vida fora dela.

No atendimento à queixa escolar, o psicólogo, de maneira dominante, se vale de instrumentos padronizados para detectar dificuldades e classificar a criança. O que você pensa sobre isso?

Maria Helena Souza Patto: Em meu ensaio *Para uma crítica da razão psicométrica*, trato desse assunto de forma mais aprofundada (Patto, 1997). Maria Aparecida Moysés e Cecília Collares também escreveram um artigo interessante (1997), no qual elas ressaltam que, com esses instrumentos padronizados, você só deixa o outro falar aquilo que você quer que ele fale, ele só pode responder aquilo que você pergunta. Os testes acabam funcionando como anteparos que impedem que você se relacione diretamente com o outro. Eles são muito mais cerceadores do que facilitadores do acesso ao outro.

Foucault tem razão ao afirmar, em *O nascimento da clínica* (1980), que, para que se faça um diagnóstico nos termos tradicionais – inclusive na Medicina – você precisa fazer uma assepsia da relação que acaba silenciando as pessoas, ao invés de deixá-las falar. Ao formatar assim o encontro, você não só silencia o sujeito que está examinando, mas silencia a si mesmo também.

Essa compreensão vale tanto para a criança quanto para os pais da criança, quanto para os professores, todos os envolvidos na queixa escolar. Então, eu busco valorizar outras formas de estar com as pessoas de modo a conhecê-las e poder ajudá-las em um processo que se baseia, fundamentalmente, na conversa, na relação dialógica. E no caso da escuta de crianças, também é possível utilizar recursos lúdicos, não para avaliar a criança, mas porque com esses recursos ela pode se comunicar de maneira mais desenvolvida. O que não é uma regra.

Você poderia citar algumas diferenças entre o atendimento à queixa escolar feito em uma abordagem clínica tradicional e em uma abordagem mais institucional?

Maria Helena Souza Patto: Eu acho que a diferença fundamental é a própria concepção da queixa escolar. Em uma abordagem clínica tradicional, a intervenção é fechada na dimensão psíquica do indivíduo, tendo um contorno psicologizante. E dentro da outra visão, eu estou entendendo como uma produção coletiva, da qual participam pais, criança e escola. Já existe essa diferença de saída.

Outra diferença, que também é de concepção, é uma dimensão mais política frente à diversidade das pessoas. A razão psicométrica é o elogio do idêntico, ou seja, tudo o que difere da norma é considerado patológico. Nada mais eloquente para dizer que existe o elogio do idêntico quando a diversidade é vista como um erro, uma patologia. Tem toda uma postura política por trás disto, de compromisso com o ajustamento e com a manutenção de uma certa ordem social. Então, é preciso ver de outra maneira, que valoriza a diversidade, valoriza a resistência e não o conformismo e, portanto, tem um acento grande na diversidade e desvaloriza o idêntico. É uma questão política mesmo. Por exemplo, a resistência, a rebeldia, podem ter um significado extremamente saudável, à luz do contexto em que elas acontecem. Em uma escola que produz sofrimento e humilhação, como é tão comum nas instituições que atendem crianças das classes populares, a rebeldia e a resistência delas à aprendizagem ou às normas escolares pode ser sinal de saúde mental e não necessariamente de doença.

E tem uma diferença evidente na abordagem do problema. No formato clínico tradicional é comum que o trabalho seja realizado através de métodos que quantificam ou que adotam certo padrão de normalidade, uma visão normativa do comportamento, e uma abordagem mais crítica, digamos assim, não se vale de padronizações, nem de nenhuma concepção normativa de saúde mental.

Este tipo de atendimento à queixa escolar mais crítico é recente, se pensado em relação ao atendimento clínico, tradicional...

Maria Helena Souza Patto: Dentro da Psicologia é recente, mas dentro de áreas próximas da Psicologia não é. Por exemplo, a Psiquiatria fez toda essa crítica das classificações tradicionais, dos critérios de normalidade tradicionais e engendrou outras formas de lidar com a queixa psiquiátrica há muito mais tempo. O movimento chamado antipsiquiatria vem desde os anos 1940, 1950, 1960, através de uma série de psiquiatras que foram nesta mesma direção, norteados por estes mesmos princípios que atualmente a gente está querendo trazer para a relação dos profissionais com a chamada queixa escolar, uma visão mais crítica de sociedade, de instituição social, de critérios de normalidade.

O que você considera fundamental nessa construção da psicologia diante da queixa escolar?

Maria Helena Souza Patto: É preciso conhecer profundamente a realidade da escola, porque foi essa própria realidade que nos levou a questionar a maneira tradicional da Psicologia lidar com a queixa escolar. Foi vivendo dentro das escolas e vendo o quanto existe de produção arbitrária de problemas de aprendizagem e de comportamento das crianças, atravessados por muitos preconceitos. E isso não significa transferir a culpa para as professoras, a equipe escolar, nada disso. É preciso olhar o fracasso escolar como uma produção histórica bastante complexa, da qual a psicologia participa ativamente.

Se o psicólogo nunca vai à escola, não lê sobre a escola, não conhece bibliografia sobre as instituições escolares e como elas funcionam..., ele não vai saber, por exemplo, que é uma prática corrente nas escolas transformar turmas que não tiveram professores meses a fio num determinado ano escolar em classes de “crianças fracas” no ano seguinte. Essas crianças são fortes candidatas ao encaminhamento para avaliação psicológica. E um psicólogo insciente disso tudo pode produzir laudos afirmando que elas são fracas porque têm problemas psicológicos. O que acontece aí? Se naturaliza, se descontextualiza, se reifica a criança, transformando-a numa coisa que não tem história.

Eu gosto muito quando Adorno diz que toda reificação é um esquecimento (adorno, 2003). Os laudos, portanto, são baseados em um esquecimento: se esquece a história e toda a trajetória escolar desta criança. Nossa tarefa é recuperar a memória dos psicólogos em relação a esses esquecimentos, em relação à complexidade que envolve o processo de escolarização em uma sociedade como a nossa. É preciso nos voltarmos para este processo, e não só para o resultado dele, sem o que não vamos entender criticamente a queixa escolar.

Considerações finais

Após mais de 25 anos, a entrevista com Maria Helena Souza Patto ainda traz reflexões interessantes para pensar a atuação de profissionais da psicologia diante das demandas escolares, sobretudo por explicitar que há questões epistemológicas que atravessam tal construção, as quais são constituídas por aspectos ético-políticos fundamentais.

Trata-se de debate atual, especialmente a partir da Lei 13.935/2019, que torna a inserção de profissionais da psicologia na rede básica de ensino compulsória (Brasil, 2019)². Em tempos em que a psicologia aparece como promessa de redenção das dificuldades vividas no processo de escolarização, estar sensível à crítica torna-se tarefa urgente. A medicalização da vida, longe de estar superada na formação e atuação de profissionais da psicologia nos dias de hoje, atravessa cursos e instituições nas quais há a presença de psicólogos(os), de ponta a ponta do país, sendo ainda tímida, embora de grande relevância, a presença de reflexões voltadas para seu enfrentamento. (Fórum, 2020)

Em que pese a potencialidade da entrevista concedida em 1997, é essencial reconhecer, simultaneamente, suas limitações. Trata-se, inicialmente, de uma breve conversa entre uma professora que é uma grande referência na Psicologia brasileira e uma estudante de graduação com perguntas e questionamentos bastante simples. Assim, ela possui o aprofundamento possível em um contexto como esse.

Ademais, desde então, tanto Maria Helena Souza Patto como a própria área de Psicologia Escolar e Educacional deram passos significativos em relação ao debate posto naquela conversa. Ao longo das últimas décadas, temas como o conceito de queixa escolar, as formas de atuação diante de tais queixas, o referencial teórico que sustenta tais formas de atuação e os riscos medicalizantes presentes em tal prática foram bastante debatidos, ampliando e tensionando perspectivas. Nesse sentido, cumpre frisar que se trata de uma conversa datada, que pretende somar com o debate que vem se acumulando na área, e não o esgotar.

No caso de Maria Helena Souza Patto, é visível em sua obra posterior o intenso mergulho na história da Psicologia e da Educação, com especial destaque para o caso brasileiro. Também são instigantes as pesquisas sobre a construção de políticas públicas, cujo enfoque teórico-metodológico inspira-se na sociologia da vida cotidiana, de Agnes Heller (1970). Explicitando a complexidade envolvida na construção do processo de escolarização em uma sociedade de classes, fundada na

² Tal lei também obriga a rede de ensino a possuir assistentes sociais em seu quadro.

exploração, extração, escravização e no genocídio de povos, ressaltam-se sua percepção fina de que no Brasil, o fracasso escolar tem raça e classe bem determinados, bem como suas críticas à psicologização e medicalização da vida.

No campo da Psicologia Escolar e Educacional brasileira, é inegável a influência da produção intelectual de Patto, espalhada em autores que aliam suas análises a referenciais teóricos diversos, como a psicanálise, a filosofia da diferença, a teoria crítica da sociedade e a abordagem sócio-histórica. É o que encontramos em livros como *Orientação à queixa escolar* (Souza, 2020); e *Concepções e proposições em psicologia e educação: a trajetória do Serviço de Psicologia Escolar do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo* (Machado, Lerner, Fonseca, 2017), ambos tornados referência na área.

O longo caminho percorrido desde 1997, ao passo que indica que não estamos mais no mesmo lugar, convoca ao reconhecimento de que esse trilhar, longe de ser simples, segue envolto a grandes desafios. A construção de novos olhares e práticas é tarefa exigente, demandando toda a atenção para não cairmos em ciladas sedutoras. As críticas à atuação de profissionais da psicologia no atendimento às queixas escolares não são novas. Por seguirem extremamente atuais, elas precisam ser encaradas com seriedade. Essa seriedade é marcante na obra de Maria Helena Souza Patto. Estudá-la, portanto, segue sendo fundamental.

Referências

ADORNO, Theodor. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Lisboa: Presença, 1974.

BASAGLIA, Franco. A instituição da violência. *Tempo Brasileiro*, v. 35, p. 34-71, out-dez. 1973.

BASAGLIA, Franco. *A psiquiatria alternativa*. São Paulo: Brasil Debates, 1979.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BRASIL. Lei 13.935, de 11 de dezembro de 2019. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13935.htm. Acesso em: 25 jan. 2023.

CARVALHO, José Sergio Fonseca de. A produção do fracasso escolar: a trajetória de um clássico. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 569-578, set. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642011005000023>. Acesso em: 25 jan. 2023.

CHAUI, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FÓRUM SOBRE MEDICALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO E DA SOCIEDADE. *Reflexões sobre a prestação de serviços de psicologia e serviço social nas redes públicas de educação básica: apontamentos desmedicalizantes*

sobre a lei 13.935/2019. Disponível em: <http://medicalizacao.org.br/apontamentos-sobre-a-lei-13-935-2019/>. Acesso em: 25 jan. 2023.

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1980.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

MACHADO, Adriana Marcondes; SOUZA, Marilene Proença Rebello de. *Psicologia Escolar: em busca de novos rumos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

MACHADO, Adriana Marcondes; LERNER, Ana Beatriz Coutinho; FONSECA, Paula Fontana. *Concepções e proposições em psicologia e educação: a trajetória do Serviço de Psicologia Escolar do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Blucher, 2017.

MARTINS, José de Souza. *Sobre o modo capitalista de pensar*. São Paulo: Hucitec, 1978.

MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso; COLLARES, Cecília Azevedo Lima. *Inteligência Abstraída, Crianças Silenciadas: as Avaliações de Inteligência*. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 8, n. 1, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65641997000100005>. Acesso em: 25 jan. 2023.

PAOLI, Maria Célia. *Desenvolvimento e marginalidade*. São Paulo: Pioneira, 1974.

PATTO, Maria Helena Souza. *Psicologia e Ideologia: uma introdução crítica à Psicologia Escolar*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2022a. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/924>. Acesso em: 25 jan. 2023.

PATTO, Maria Helena Souza. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2022b. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/932>. Acesso em: 25 jan. 2023.

PATTO, Maria Helena Souza. Para uma crítica da razão psicométrica. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 8, n. 1, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65641997000100004>. Acesso em: 25 jan. 2023.

PEREIRA, Luiz. *Estudos sobre o Brasil contemporâneo*. São Paulo: Pioneira, 1971.

SOUZA, Beatriz de Paula. *Orientação à Queixa Escolar*. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 2020. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/536>. Acesso em: 25 jan. 2023.